
Complexidade e jornalismo: enquadramentos discursivos nas reportagens do telejornal Bom Dia Brasil sobre os afetados pelo desastre em Mariana¹

Rafael Rangel WINCH²

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

Resumo

O artigo tem o objetivo de compreender em que medida a complexidade é uma questão presente nos enquadramentos discursivos da série de reportagens “Rio doce, da nascente à foz”. As matérias analisadas integram uma produção especial do telejornal Bom Dia Brasil que aborda a situação dos afetados pelo rompimento da barragem em Mariana (MG). O gesto analítico se ancora em contributos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa (AD) e em estudos sobre o enquadramento jornalístico. A identificação dos enquadramentos discursivos das reportagens é tensionada com o pensamento complexo discutido por Edgar Morin. Verifica-se que as matérias conseguem extrapolar alguns limites do paradigma simplificador apontado pelo autor, visto que tratam a problemática do desastre a partir de uma visão multidimensional.

Palavras-chave: telejornalismo; complexidade; discurso; enquadramento; desastre em Mariana.

Introdução

O jornalismo pode ser tensionado segundo diferentes acontecimentos sociais, momentos históricos e lugares teóricos. Dentre as abordagens críticas, destaca-se a perspectiva da complexidade elaborada pelo intelectual Edgar Morin. As proposições do autor se orientam para a construção de um pensamento menos redutor, simplificador e disjuntivo, que busque ser mais aprofundado, diverso, interdependente. Neste estudo, temos como propósito central verificar em que medida a complexidade é uma questão presente nos enquadramentos discursivos da série de reportagens da série “Rio doce, da nascente à foz”. Esse especial foi levado ao ar pelo telejornal matutino Bom Dia Brasil, da Rede Globo, em setembro de 2017. A série é composta por quatro matérias acerca da situação dos afetados pelo rompimento da barragem em Mariana (MG), desastre de alto impacto ambiental, econômico e social, ocorrido no ano de 2015.

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Jornalismo do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, Bolsista Fapesc/Capes, e-mail: rangelrafael16@hotmail.com

Inicialmente, apresentamos uma breve síntese das ideias de Edgar Morin referentes à perspectiva do pensamento complexo. Em seguida, destacamos potencialidades da reportagem para trabalhar a complexidade. Posteriormente, explicamos nossa construção metodológica, mapeamos os enquadramentos discursivos predominantes nas matérias e discutimos suas relações com o que estamos reconhecendo como complexidade. Por fim, tecemos breves considerações acerca do estudo.

Sobre o pensamento complexo

O exercício da complexidade é indispensável quando se pretende mapear e compreender os limites e equívocos dos paradigmas dominantes na sociedade contemporânea. Essa é uma compreensão defendida por Edgar Morin, um dos mais célebres e ousados pensadores das últimas décadas. Pensar a complexidade, tanto na ciência como também no jornalismo, exige reconhecer que essas atividades estão permeadas por incertezas, desordens, ambiguidades e contradições. Mais do que uma resposta ou receita definitiva, o pensamento complexo deve enfrentar desafios, questionar determinadas verdades e supostos consensos, além de não isolar o conhecimento em caixas, isto é, em disciplinas estritamente fechadas. Essa perspectiva, no entanto, só pode ser apreendida quando desvelamos os mecanismos e lógicas que regem o chamado paradigma simplificador (MORIN, 2005).

O paradigma simplificador que molda percepções e comportamentos em vários âmbitos da vida social, incluindo o fazer científico e jornalístico, possui como um dos aspectos mais problemáticos o fato de ver o uno (parte) e o múltiplo (todo), sem perceber que o uno pode ser ao mesmo tempo múltiplo e vice-versa. É uma forma limitada de perceber as diversas complexidades existentes na constituição dos fenômenos. Morin (2005) identifica esse pensamento como mutilador, uma maneira de raciocinar que conduz necessariamente a ações mutilantes. Está sublinhado, assim, a existência de uma patologia no pensamento contemporâneo que não se manifesta apenas no plano das ideias, pois atua ainda na construção de riscos e consequências danosas em nível individual e planetário. Conforme Morin (2001), somente a partir da complexidade se torna possível reunir, contextualizar, globalizar e, ao mesmo tempo, reconhecer o singular, o individual e o concreto.

Com base nos cenários levantados na obra de Edgar Morin, podemos compreender que persiste uma dificuldade histórica do paradigma simplificador em trabalhar com

eventos e situações multidimensionais, isto é, com várias facetas. Com certa frequência, problemas são examinados – pela ciência e também pelo jornalismo – apenas em suas dimensões econômicas, por exemplo, quando existem também componentes socioculturais, políticos, biológicos, entre outros. Na perspectiva assumida pelo autor, a complexidade não deve ser entendida como a completude e a totalidade. Portanto, não há nesta proposta teórica a ambição em dar conta de todas as informações sobre um fenômeno observado, o que não impossibilita a busca pelo necessário reconhecimento e articulação das mais diferentes dimensões dos acontecimentos. Além disso, o pensamento complexo deve inserir em seus saberes aquilo que ainda está inacabado, incompleto e incerto (MORIN, 1999).

O paradigma complexo inclui o ato de explicar e compreender. Explicar é considerar o que é preciso conhecer como objeto e aplicar neste todos os meios de conhecimento. A explicação é uma etapa importante e necessária para a compreensão intelectual e objetiva (MORIN, 2000). A questão da compreensão, porém, vai além da explicação. “Compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade (MORIN, 2000, p. 95).

Edgar Morin também defende que a ciência e demais práticas sociais reúnam o que está separado e compartimentado, respeite a diversidade e, ao mesmo tempo, reconheça o que é particular em cada sujeito, sem deixar de lado as interdependências que conformam os fenômenos. Compreendido como uma racionalidade necessária para a construção de uma cidadania planetária, o pensamento complexo não deve negligenciar valores como a solidariedade. Por conta do caráter individualista das sociedades contemporâneas, os atos solidários costumam ser menosprezados ou se direcionam de forma extremamente seletiva. Ademais, vivemos em uma época onde temos um grande conjunto de técnicas e inovações científicas que nem sempre conseguem suscitar a solidariedade entre os seres humanos.

Os avanços tecnológicos não garantem espaços e momentos solidários, visto que suas forças são, antes de tudo, abstratas, mecânicas, mercantis e maquinais (MORIN, 1995). Para enfrentar os dilemas sociais dramáticos do mundo contemporâneo, o autor defende o estabelecimento de diálogos entre as mais diferentes mentes. Essa necessidade do diálogo está associada à compreensão de que a verdadeira racionalidade está aberta e dialoga com o real que lhe resiste. A seguir, discorreremos sobre características e

potencialidades do gênero reportagem para trabalhar com a complexidade, enfatizando especialmente a reportagem de televisão.

Potencialidades da reportagem

O jornalismo - no que toca seus processos, produtos e estruturas – é atravessado e constituído por elementos do paradigma simplificador apontado por Morin (2005). Isso ocorre porque a narrativa jornalística não está imune aos resquícios do positivismo de Auguste Comte, como nos lembra a pesquisadora Cremilda Medina. É possível identificar uma série de traços do chamado “positivo operante” na atividade exercida pelos jornalistas. A pretensa objetividade, imparcialidade, neutralidade; a afirmação de dados concretos referentes aos fatos; a precisão da linguagem; a fuga de abstrações, a estrutura do lead (o quê, quem, quando, como, onde, por quê) e a própria lógica da pirâmide invertida (a disposição das informações em ordem decrescente de importância), até certo ponto, refletem os cânones e dogmas da filosofia positivista e do paradigma simplificador (MEDINA, 2008)³.

Mesmo com os limites e fragilidades constituintes de qualquer peça jornalística – um produto sempre inacabado, imperfeito e incompleto –, a reportagem se destaca como uma forma narrativa com inegáveis potencialidades no que diz respeito ao exercício do pensamento complexo no jornalismo. Medina (2008) destaca a estilística interpretativa do gênero, que pode articular entrevistas conceituais com o protagonismo e contexto sociocultural numa narrativa que coloca em movimento a aventura humana. Por ser um lugar de extrapolação do nível informativo primário (a notícia), espera-se que a reportagem, especialmente a chamada “grande reportagem”, abarque as complexidades presentes nos fatos, evidencie as relações entre os sujeitos, bem como aprofunde aspectos contraditórios da realidade social. Tudo isso sem relegar outro ponto indispensável nos relatos jornalísticos de qualidade: a humanização (IJUIM, 2012).

A complexidade dos acontecimentos, temas e situações é apreendida e narrada de diferentes maneiras conforme o suporte midiático utilizado. No telejornalismo, a reportagem necessita trabalhar conjuntamente as dimensões verbais, imagéticas e sonoras. De acordo com Becker (2016), a televisão e os telejornais oferecem uma maneira

³ É preciso ressaltar que Cremilda Medina não rechaça e menospreza as técnicas e valores historicamente presentes no fazer jornalístico. Na verdade, a pesquisadora chama a atenção para a necessidade de uma visão crítica e histórica perante eles.

familiar de entender o mundo, contando a história cotidiana através de uma tessitura singular de imagens e palavras e da combinação de outros códigos visuais. Toda construção discursiva desenvolvida em reportagens de televisão demanda uma equipe, ou seja, o trabalho nunca é individual. Conforme nos lembram Peixoto e Porcello (2016), muitas mãos costumam construir uma reportagem de TV. Além dos repórteres, há outros diversos atores envolvidos nesse tipo de produção, tais como: cinegrafistas, editores de texto, editores de imagem, entre outros.

Segundo Jaspers (1998), existem dois principais tipos de reportagem veiculadas em telejornais: a reportagem de atualidade e a grande reportagem. A primeira concerne, sobretudo, àquelas matérias que são exibidas no mesmo dia de sua realização, sendo curtas ou médias em termos de duração. A grande reportagem, por sua vez, é mais longa e tende a abarcar de modo mais aprofundado as várias facetas de um acontecimento social. Independentemente do tipo de reportagem, do tema da pauta e da abordagem escolhida, o relato deve ser informativo, preciso e atrativo para o público. Uma das características que marcam o telejornalismo é justamente a busca pela inteligibilidade da maior parte da audiência a partir da clareza da informação (PEIXOTO; PORCELLO, 2016).

Essa necessidade de ser, ao mesmo tempo, importante e interessante, deve estar presente em todas as partes de uma reportagem de televisão: cabeça, sonora, off, passagem e pé (SIQUEIRA, 2012). Na cabeça das matérias, é realizada a introdução do assunto pelos âncoras (apresentadores) do telejornal. Por sua vez, menos utilizado, o pé das matérias costuma trazer elementos complementares que não entraram no corpo principal da reportagem. Na sequência do trabalho, apresentamos a metodologia utilizada para compreender em que medida a complexidade é uma questão presente na conformação dos enquadramentos discursivos da série de reportagens “Rio doce, da nascente à foz”.

Caminho metodológico

Este trabalho ampara-se metodologicamente em contributos da Análise de Discurso de linha francesa (AD), relacionando essa perspectiva com a noção de enquadramento. Pelo espaço limitado desse presente estudo, não iremos aprofundar a dimensão teórica dos conceitos de discurso e de enquadramento. Sinalizamos, todavia, que reconhecemos todo discurso como efeito de sentidos entre interlocutores (PÊCHEUX, 1995), um objeto simbólico conformado por movimentos de paráfrase e

polissemia, isto é, o mesmo e o diferente (ORLANDI, 2005). Os enquadramentos, por sua vez, são esquemas interpretativos, padrões que organizam a cognição da realidade (GOFFMAN, 1986). No âmbito do jornalismo, são constituídos por marcas de seleção, ênfase e exclusão (GITLIN, 1980).

Com base em Moraes (2015), empregamos o conceito de enquadramento discursivo. Para a autora⁴, trata-se de um processo que constrói sentidos e organiza discursivamente o conhecimento sobre temas, situações e acontecimentos. Sendo esquemas interpretativos, tais enquadramentos estão circunscritos em formações discursivas, isto é, amplos núcleos de sentidos marcados por relações ideológicas e imaginárias. Para pensar nas articulações entre discurso e enquadramento no jornalismo, também nos inspiramos no estudo de Gadret (2016). Conforme esta pesquisadora⁵, o enquadramento pode ser definido como princípio organizador da reportagem, formado a partir de quadros de significado e interpretação presentes no discurso jornalístico.

Em nosso gesto analítico, utilizamos as já supracitadas contribuições de Moraes (2015) e Gadret (2016) para mapear, observar e discutir quais são os enquadramentos discursivos que conformam as reportagens da série “Rio doce, da nascente à foz”, exibidas pelo jornal Bom Dia Brasil (Rede Globo), em setembro de 2017. Além da identificação dos enquadramentos discursivos predominantes em cada matéria, ainda circunscrevemos cada enquadramento mapeado em uma formação discursiva, um espectro discursivo mais amplo. Ressaltamos que nossa análise não se resume ao rastreamento dos enquadramentos, visto que ainda tensionamos os resultados do gesto analítico com a perspectiva teórica de Edgar Morin.

Num primeiro momento, analisamos cada reportagem por vez, destacando seus marcadores do discurso, isto é, aspectos diversos relacionados à três tipos de agentes: *âncoras*, *repórter* e *entrevistados*. É imprescindível ressaltar que tais marcadores não são tomados como componentes estanques, ou seja, eles se atravessam e se complementam. Os marcadores do discurso são elementos pertencentes à dimensão verbal, imagética e sonora das reportagens. Além disso, tais marcadores permitem uma observação e

⁴ Em sua tese de doutoramento, Moraes (2015) mapeia e discute os enquadramentos discursivos sobre a mudança climática nas revistas semanais informativas *Veja*, *Época*, *IstoÉ* e *Carta Capital*.

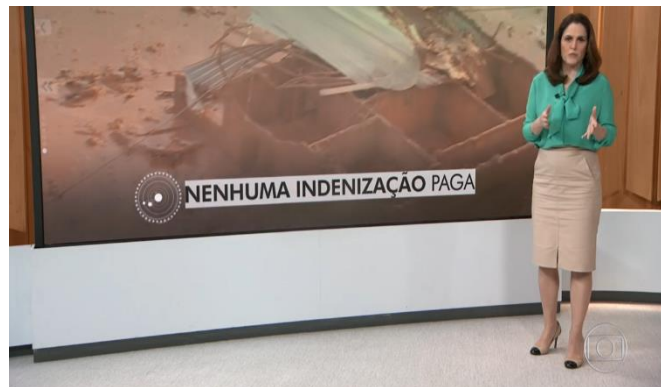
⁵ Vale sublinhar que em sua investigação, Gadret (2016) acrescenta a questão da emoção, problematizando como esse elemento organiza a construção do enquadramento da reportagem de televisão.

sistematização de elementos da paráfrase (o mesmo que se repete) e da polissemia (o diferente que desvia).

Gesto analítico

A primeira reportagem introduz o tema da série a partir de uma cabeça marcada pelo tom de cobrança e denúncia lida pela âncora Ana Luíza Guimarães (figura 1). Nesta matéria, destacam-se os diálogos do repórter Chico Regueira com os afetados pelo acontecimento. São famílias que aguardam o resultado das negociações com a Fundação Renova, entidade criada pelas mineradoras Vale e BHP. A construção discursiva não conta com trilha sonora, assim como ocorre em todas as demais matérias. O som ambiente, incluindo o barulho dos passos do repórter e o canto dos pássaros, é utilizado de modo a aproximar o telespectador da região atingida pela lama. As imagens bastam, visto que elas por si só já ofertam sentidos sobre as consequências do ocorrido. Há poucos textos narrados na matéria, os tradicionais *offs*. De modo geral, o repórter apresenta sua fala em forma de diálogo com as outras fontes, a maioria composta pelos afetados do desastre.

Figura 1: Reportagem 26/09/2017



Fonte: site da globo.com

Ainda na primeira reportagem, é apresentada a fala de um promotor do Ministério Público Estadual, que sublinha as denúncias de preconceito em relação às crianças vítimas da tragédia. O grau de hostilização e intolerância também chegou nas escolas, onde as crianças que saíram das comunidades destruídas agora são acusadas de estarem provocando atraso e desemprego nas cidades vizinhas. A reportagem traz apenas na sua parte final trechos da conversa entre o repórter e a diretora-executiva da Renova, Andréa

Azevedo, que destaca a dificuldade em reestabelecer e recuperar a dignidade das vítimas, assim como devolver seus lares.

Essa primeira reportagem já rompe com vários elementos do paradigma simplificador assinalado por Morin (2001), uma vez que contextualiza, aprofunda e reconhece o singular das histórias que apresenta. Outro traço da complexidade é o acolhimento ao contraditório, verificado nas reivindicações dos afetados pelo desastre em resposta as promessas e justificativas dos responsáveis por amenizar a situação. A solidariedade defendida por Morin (1995) compõe a construção discursiva da reportagem, em especial, nos momentos em que o repórter se coloca numa posição solidária e empática diante dos afetados pelo desastre. O enquadramento discursivo predominante na reportagem é sintetizado pelo enunciado: “*A tragédia persiste devido ao permanente descaso com as vítimas*”. O sentido evidencia que os danos à região são impulsionados pelas falhas no atendimento e cuidado com as vítimas da tragédia.

Tabela 1: Enquadramento discursivo da reportagem 26/09/2017

AGENTES	MARCADORES DO DISCURSO
Âncoras	Expressões sérias, tons de denúncia e cobrança, imagens que evidenciam os impactos do desastre e legendas que sinalizam falhas no tratamento das vítimas e na punição dos responsáveis.
Repórter	Comportamento solidário, atenção na escuta dos relatos dos entrevistados, diálogo com os moradores da região, passagem que realça os efeitos da tragédia e baixa inserção de offs.
Entrevistados	Destaque para as sonoras dos afetados, relatos sobre as consequências do problema, ênfase nas relações afetivas na região e caracterização dos cenários pós-desastre.
Enquadramento discursivo da reportagem: “ <i>A tragédia persiste devido ao permanente descaso com as vítimas</i> ”	

Fonte: autoria própria

Na segunda reportagem, os relatos dos moradores da região atingida pelo desastre continuam a ocupar uma centralidade na construção discursiva. Aqui, a voz dos protagonistas anônimos, como sublinha Medina (2003), é novamente posta em diálogo com as interpelações do repórter. Para além do jornalista, os moradores também mostram cenários, explicam situações e reivindicam direitos. As fontes, em especial, as de cunho testemunhal, não estão limitadas à um lugar meramente descritivo e lamentador na matéria. Pelo contrário, são apresentadas como agentes sociais ativamente construtores de uma realidade social complexa. As fontes do tipo especializada, isto é, aquelas que

possuem um conhecimento específico sobre algo, também ganham mais destaque nessa segunda reportagem. Entre os especialistas ouvidos, estão: Sônia Carolino, integrante do Comitê da Bacia do Rio Piranga; Vicente Gulli, analista ambiental do Ibama (figura 2); Fabiana Alvez, coordenadora do Greenpeace; Evangelina Vormitagg, pesquisadora do Instituto de Saúde e Sustentabilidade; e Thiago Alves movimento dos Atingidos por Barragens.

Figura 2: Reportagem 27/09/2017



Fonte: site da globo.com

A complexidade da matéria é acentuada quando o repórter faz um contraponto à fala de Andréa Azevedo, diretora-executiva da Renova. Neste momento, a fonte do tipo oficial diz que sua equipe conversou com os moradores da região para aonde estão sendo depositados os rejeitos do desastre. No entanto, após dialogar com esses moradores, o repórter responde a sua entrevistada afirmando que as pessoas ouvidas não foram procuradas e nem mesmo fizeram algum acordo com a Renova. Esta reportagem ainda traz fragmentos da história de pessoas como Sebastião Nascimento Dias, agricultor que teve sua pequena produção de milho e abóbora drasticamente prejudicada por conta da contaminação do solo, agora infértil.

A atenção cuidadosa do repórter, isto é, a sensibilidade para ouvir e descrever suas fontes vai ao encontro de um jornalismo humanizado capaz de respeitar a dor e os sofrimentos do ser humano, como sinalizado por Ijuim (2012). O enquadramento discursivo dessa matéria é sintetizado pelo enunciado “*O bem-estar da população é prejudicado por conta de ações ineficazes*”. O sentido reforça a compreensão de que os afetados pelo desastre poderiam estar numa situação mais tranquila se não fosse a atuação incompetente e equivocada dos responsáveis por controlar o problema.

Tabela 2: Enquadramento discursivo da reportagem 27/09/2017

AGENTES	MARCADORES DO DISCURSO
Âncoras	Tom explicativo, ênfase no aprofundamento da grandiosidade do acontecimento, gráficos e imagens que ilustram como a lama do desastre encontra a água limpa e prejudica a população da região.
Repórter	Inserção no cotidiano dos afetados, passagens e sonoras que enfatizam a situação preocupante dos rios e das comunidades periféricas e contraponto aos argumentos da empresa Samarco.
Entrevistados	Equilíbrio no uso das sonoras de especialistas em questões técnicas e dos moradores da região, valorização do som ambiente nas entrevistas com os afetados e tom de indignação e tristeza nos relatos das vítimas.
Enquadramento discursivo da reportagem: <i>“O bem-estar da população é prejudicado por conta de ações ineficazes”</i>	

Fonte: autoria própria

Na terceira reportagem da série, a construção discursiva é preenchida por diálogos, como o que ocorre entre o repórter e a moradora Maria das Graças Lima, que reclama sobre o não funcionamento de um poço artesiano que abasteceria sua casa e de outras várias pessoas na região. O poço em questão foi construído pela Renova, mas até a reportagem ir ao ar o reservatório seguia sem funcionar. Relatos como o da moradora Albertina Tadeu de Oliveira (Figura 3) evidenciam como o alto nível de contaminação das águas da região tem prejudicado a vida na comunidade. Um dos diálogos mais extensos da matéria é com o morador Afonso Caldeira. Nesta conversa, repórter e entrevistado caminham pela rua até chegar na casa de Afonso que, então, mostra os talões de pagamento de galões de água que necessita comprar para sobrevivência de sua família.

Figura 3: Reportagem 28/09/2017



Fonte: site da globo.com

A matéria enfatiza o aumento na procura por poços artesianos, o que é confirmado por Levindo Braga, empresário do setor. A articulação das várias fontes (testemunhais, oficiais e especialistas) colabora para o aprofundamento da reportagem. Dessa maneira, verifica-se que a construção discursiva da matéria consegue ir ao encontro da complexidade, reconhecendo redes, interconexões que ligam os sujeitos (MORIN, 2001).

Assim como as demais reportagens, a construção discursiva aqui apresentada tenta apreender o lugar social e as circunstâncias da fala de cada entrevistado. A compreensão do repórter engloba não só o ato de explicar e organizar informações, mas também o exercício de tentar compreender o outro em suas dimensões objetivas e subjetivas, como defende Morin (2000). É igualmente notório o fato de a matéria não adentrar caminhos fáceis e óbvios, o que poderia ocasionar em dicotomias e simplificações como bem *versus* mal. Ao narrar o presente, neste caso, a situação dos moradores afetados pelo desastre, o repórter evita respostas e garantias conclusivas, como adverte Medina (2006), destacando, por sua vez, as interrogações e conflitos de ideias existentes em torno dos fatos.

O enquadramento discursivo dessa matéria é sintetizado pelo enunciado “*A qualidade da água ainda gera desconfiança entre as comunidades*”. O sentido corrobora a percepção de que por mais que as entidades responsáveis defendam o compromisso de tratar a água da região, grande parte da população ainda segue sem confiar plenamente na qualidade dessa substância básica para a vida de todos.

Tabela 3: Enquadramento discursivo da reportagem 28/09/2017

AGENTES	MARCADORES DO DISCURSO
Âncoras	Expressão de indignação e cobrança, ênfase na falta de abastecimento de água na região afetada, aproximação com os atingidos pela tragédia a partir de linguagem mais informal.
Repórter	Sucessão de diálogos com os afetados, perguntas feitas no momento em que os moradores realizam alguma ação, pouco uso de offs.
Entrevistados	Preponderância das sonoras dos moradores que comentam e demonstram como a falta de água prejudica atividades básicas, ênfase no som ambiente nas entrevistas com a população local.
Enquadramento discursivo da reportagem: “ <i>A qualidade da água ainda gera desconfiança entre as comunidades</i> ”	

Fonte: autoria própria

A reportagem que encerra o especial destaca que pesquisadores de três universidades em parceria com o Instituto Chico Mendes, do Ministério do Meio Ambiente encontraram rejeitos da lama do desastre espalhado por centenas de quilômetros, chegando a atingir os corais do arquipélago de Abrolho, no sul da Bahia. O tratamento dessa dimensão do problema evidencia uma perspectiva multifacetada acerca do ocorrido, em que existe a preocupação em destacar as mais diversas consequências associadas ao desastre, que não afeta apenas os seres humanos, como também espécies da fauna e da flora. Nota-se que a construção discursiva consegue reunir e contextualizar o que está disperso (os efeitos em vários níveis), sem deixar de reconhecer o que é da ordem do individual, singular (o drama de cada ser, família, grupo), algo que converge com as ideias do pensamento complexo levantado por Morin (2001).

Um dos diálogos mais significativos é entre repórter e o Cacique Rondon, da tribo Kreank. Essa fonte do tipo testemunhal relata o que mudou na vida da sua comunidade após a tragédia. O impacto maior seu deu, sobretudo, na alimentação dos indígenas, que agora precisam se deslocar até o centro das cidades próximas para comprar comida. Segundo o Cacique ouvido, os novos hábitos alimentares estão afetando a saúde da tribo. A pesca na região foi prejudicada por conta dos rejeitos de minério. Edmar Moraes, morador do município de Regência, conta que a contaminação das águas é um dano real para o sustento de suas famílias, que dependiam fundamentalmente do dinheiro obtido a partir da pesca. Outras atividades econômicas também foram prejudicadas, como as pousadas e os restaurantes.

Figura 4: Reportagem 29/09/2017



Fonte: site da globo.com

Como nas outras reportagens, Andrea Azevedo, da Renova, aparece no encaminhamento final da construção discursiva. Neste caso, ela relata a necessidade de se construir um plano estruturante para o turismo na região para reacender o desenvolvimento econômico das localidades mais atingidas pelo desastre. A composição dessa matéria, desde hierarquia dos relatos das fontes até as passagens realizadas em diferentes lugares pelo repórter, não só resgata a cena viva, característica própria da reportagem (MEDINA, 2003), como também produz um conhecimento que não é disjuntivo e redutor. O enquadramento discursivo dessa matéria é sintetizado pelo enunciado “*Não há sinais de melhorias na economia local e no meio ambiente*”. O sentido corrobora o entendimento de que o desastre ainda gera problemas econômicos e ambientais na região, sem previsão de que a situação irá melhorar tão cedo.

Tabela 4: Enquadramento discursivo da reportagem 29/09/2017

AGENTES	MARCADORES DO DISCURSO
Âncoras	Expressão de surpresa e seriedade, ilustração gráfica da extensão da lama que atinge a vida marinha na região afetada e menção aos ambientalistas que atestam a gravidade da situação.
Repórter	Proeminência da figura do investigador de um grave problema, diálogo com moradores acerca do impacto da tragédia nos serviços e comércio local, passagens e cenas do repórter conversando em detrimento de offs.
Entrevistados	Destaque aos relatos da situação dos indivíduos afetados pelo desastre, dentre eles uma comunidade indígena e pescadores, explicação de especialistas sobre as consequências na economia local e no meio ambiente.
Enquadramento discursivo da reportagem: “ <i>Não há sinais de melhorias na economia local e no meio ambiente</i> ”	

Fonte: autoria própria

Algumas considerações

Nosso gesto analítico das quatro reportagens verificou a criação de uma construção discursiva que congrega elementos da complexidade discutida por Edgar Morin, uma vez que ambiguidades, incertezas e desordens são aspectos trabalhados pelas matérias de modo sério e sensível. As reportagens conseguem extrapolar alguns limites do paradigma simplificador apontado por Morin (2005), não restringindo o papel das fontes testemunhais (os moradores da região) à mera lamentação e descrição de seus dramas pessoais.

Os quatro enquadramentos discursivos mapeados – “*A tragédia persiste devido ao permanente descaso com as vítimas*”, “*O bem-estar da população é prejudicado por conta de ações ineficazes*”, “*A qualidade da água ainda gera desconfiança entre as comunidades*” e “*Não há sinais de melhorias na economia local e no meio ambiente*” – não são excludentes e estão circunscritos numa mesma formação discursiva, a qual denominamos de “*Visão multidimensional do desastre*”. Trata-se de uma ampla região discursiva que conforma cada enquadramento mapeado, reiterando sentidos acerca da complexidade do desastre. A ênfase se dá em torno das múltiplas consequências, bem como nos limites e possibilidades na reconstrução das vidas atingidas, não apenas dos seres humanos, mas de todo um ecossistema. Essa formação discursiva foi identificada a partir dos traços de paráfrase (o mesmo) e polissemia (o diferente) presentes nos quatro enquadramentos discursivos.

A exposição das mais variadas inter-relações do desastre certamente não deve ser reconhecida como uma abordagem perfeita e inquestionável no telejornalismo. Sendo também construções discursivas, mesmo as grandes reportagens são peças inacabadas, fragmentos de um campo discursivo maior que congrega outros sujeitos e perspectivas para além dos que foram incluídos nessa produção jornalística em particular. Neste sentido, é oportuno ponderar que o rompimento da barragem em Mariana não pode ser reduzido à expressão “maior tragédia ambiental do país”, como falado em alguns momentos da série, especialmente pelos âncoras do telejornal. Não se trata apenas de uma catástrofe com danos ao meio ambiente, mas de um crime socioambiental que escancara a falta de fiscalização e outras várias irregularidades por parte da iniciativa privada e também do poder público. Por mais que suscitem diferentes facetas da problemática, os enquadramentos discursivos das matérias não aprofundam componentes estruturais da raiz do desastre, muitos desses, relacionados à histórica exploração predatória e insustentável de recursos naturais na região.

Esse entendimento acerca dos limites de qualquer construção discursiva é importante e não invalida a necessária abertura da série “Rio doce, da nascente à foz” para a compreensão do outro. Como nos lembra Morin (2000), compreender é a forma de pensar que possibilita apreender conjuntamente o texto e o contexto, o ser e seu meio ambiente, o local e o global. Em outros termos, o multidimensional, o complexo e as condições do comportamento humano.

REFERÊNCIAS

BECKER, Beatriz. **Televisão e telejornalismo: transições**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

GADRET, Débora Thayane de Oliveira Lapa. **A Emoção na reportagem de televisão: as qualidades estéticas e a organização do enquadramento**. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

GITLIN, Todd. **The whole world is watching: mass media in the making and unmaking of the new left**. Berkley: University of California Press, 1980.

GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis: an essay on the organization of experience**. Boston: Northeastern University Press, 1986.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas**. In: Revista Comunicação Midiática, v.7, n.2, p.117-137, maio/ago. 2012.

JESPERS, Jean-Jacques. **Jornalismo televisivo: princípios e métodos**. Coimbra: Minerva, 1998.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: Da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo; Summus, 2008.

MORAES, Claudia Herte de. **Entre o clima e a economia: enquadramentos discursivos sobre a Rio+20 nas revistas Veja, Isto É, Época e Carta Capital**. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

MORIN, Edgar. **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Ciência com Consciência**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Berhand, 1999.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. **Os sete saberes necessários para a educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Terra-Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

PEIXOTO, Filipe; PORCELLO, Flávio. **Quando o repórter aparece na TV: o corpo e a voz da notícia no telejornalismo**. Estudos em Comunicação nº 22, 123-164, 2016.

SIQUEIRA, Fabiana. **O telejornalismo em transformação: os formatos da notícia na era digital**. In: PORCELLO, Flavio; VIZEU, Alfredo; COUTINHO, Iluska (Org.). O Brasil (é)ditado. Florianópolis: Insular, 2012.